

## VIZINHOS

"Já tenho casa, já tenho mar" — exclamava Julieta Bárbara há muito tempo, em um poema feliz; e murmurei esse verso debruçado em minha varanda.

Com muito exagêro, é certo. A varanda é estreita e alta, não chega a ser uma varanda; e a casa é um apartamentinho de quarto e sala.

O que ele tinha mesmo de bom e de grande era, afinal de contas, o mar. Léguas e léguas de mar azul com lagoas e ilhas, farol e barcos, alegre praia e dois pinheiros erectos, vários coqueiros pequenos. Passei a dispor também de sol e lua e muitas estrêlas, além de ventos e brisas de vários tipos, inclusive a terral, que entra pela cozinha, e o sudoeste, que dá pela prôa. Em vista do que expliquei meu caso para o Henrique La Rocque, do Instituto. E ele mandou tomar informação a meu respeito, e apurando que sou um comerciário pobre porém honrado desta bela praça, mandou me examinar ("excelente coração" disse o médico repetindo o que mamãe sempre disse de mim) e depois de existir uns quarenta e oito papéis selados, carimbados, anotados, reconhecidos, autenticados, revalidados e consagrados, inclusive várias cópias do chamado papel-moeda, mandou me entregar a chave.

Levei meus trêcos para bordo e me fiz ao mar. E assim vinha eu, há meses, velejando parado, quando notei um cartaz estranho na casa ao lado. Logo chegaram homens de picareta e começaram a derrubar a casa. "Vão fazer um jardimzinho aqui", pensei — "isto é muito gentil".

Fizeram um prédio que me tirou a vista de cem metros de praia e da janela de trás do apartamento do amigo Miguel. Porém, sobre o telhado novo, meu belo mar continuou arfando feliz.

Outro dia eu vinha para casa e topei com outro cartaz num sobrado da transversal. "Vão demolir esta casa e com certeza fazer aqui um belo pomar onde as crianças poderão tirar cajús e pitangas" — pensei. E me senti alegre dentro de meu suave coração, e achei aquela família muito distinta.

Era um prédio — mas meu amigo, que entende de construção, procurou me consolar. "O gabarito — ele explicou — é de quatro andares; no pior caso você perderá a vista de mais cem metros de praia mas continuará dominando o Oceano Atlântico por cima dos telhados". Murmurei alguma coisa como "mare nostrum", e me pús à espera.

N. 266 - 25.5.57

(truch) Mar e amor

(31.5.53 - 12.7.53 - 18.7.53)

Sim, são quatro andares, mas eles começaram a ser construídos do segundo para cima, pois o primeiro é de colunas ou, como se diz hoje em dia, pilotis. E no lugar do telhado fizeram um terraço onde provavelmente a senhora do zelador estenderá suas roungens ao sol e os meninos do prédio comerão lindas bananas amarelas cujas cascas serão jogadas visando o interior de minha rede, em saído e empolgante divertimento.

Hoje acordei tarde, porque minhas meditações noturnas da sexta-feira foram muito prolongadas, graças ao estímulo espiritual de grandes autores escocesses hauridos na biblioteca do Dreyfus Cattan e na mesa de trabalho do Beti Faria. Ouvi ruídos. Os senhores operários acabam de chegar a cume de seus labores, atingindo os altos na caixa d'água e da casa do elevador. Em regosijo cortaram ramos de "ficus benjamim" e enfeitaram sua obra. Agora ouço barulhos lá em baixo. Vou acabar esta crônica e descer; eles devem estar tomando chope, e aceitarei um copo. Perdi quarenta léguas quadradas de mar azul, e só me resta uma vereda que vai para o mar através dos dois pinheiros.

Sim, o barril de chope está assobiando lá embaixo. Confraternizarei. Um dia talvez o dono da casa da praia e dos dois pinheiros (tem um nome alemão, parece que é da Antártica) mandará pregar um cartaz em sua bela mansão. Estou certo de que assim fará para construir um "plaa-ground" com uma piscina para a meninada do bairro, e distribuição gratuita de refrêco de maracujá nos domingos de sol. Esperemos, irmãos.

31/5/53

R. B.

402